

ARTIGO

CARTOGRAFIA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE EM BAIÁ FORMOSA-RN

Larícia Gomes Soares¹

RESUMO

O uso da cartografia no âmbito escolar pode ser visto como ferramenta auxiliadora no processo de ensino e aprendizagem, a qual tem se tornado cada dia mais necessária, inicialmente pela alfabetização cartográfica. Sendo assim, tem-se à necessidade de se trabalhar conceitos introdutórios por meio de atividades didáticas e lúdicas desenvolvidas em sala de aula. Todavia, sabemos que a realidade é outra, em suma a cartografia na escola ainda é pouco explorada. Dessa forma, temos como objetivo demonstrar por meio de atividades práticas a importância da cartografia escolar enquanto alternativa para trabalhar os conteúdos de ensino, mais especificamente da Geografia, analisando e diagnosticando o quanto essa ferramenta auxiliadora no processo de ensino e aprendizagem pôde ser utilizada para aprimorar e lapidar os conhecimentos geográficos adquiridos por alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Paulo Freire, localizada no município de Baía Formosa-RN. O projeto se deu em oito momentos teórico-práticos, o que acarretou produtos materiais e imateriais de grande relevância. Dessa forma, esse artigo está dividido em 3 partes: na primeira parte apresentamos a cartografia escolar e a linguagem cartográfica como gênese metodológica dos conteúdos de geografia, posteriormente mostramos a aplicabilidade dessa temática na escola e por fim, trazemos nossas considerações finais acerca das análises.

Palavras-chave: Alfabetização Cartográfica. Ações Didáticas. Aplicabilidade.

1 INTRODUÇÃO

A utilização da linguagem cartográfica vem se tornando cada vez mais necessária em nossa sociedade atual. No ensino, educadores e educandos precisam se manter informados e

¹ Graduanda em Geografia pela a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: lariciagomes@ufrn.edu.br

capacitados a observar e entender o espaço geográfico em sua totalidade. Para tanto, é importante que o uso do conhecimento cartográfico seja comum no âmbito escolar, além de ser vista como ferramenta auxiliadora no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, a partir das nossas análises e dessas ideias introdutórias, nasceu o desejo de fazer uso da cartografia e alfabetização cartográfica na Escola Estadual Professor Paulo Freire, localizada no município de Baía Formosa/RN, sendo a única escola da cidade que oferece a modalidade de ensino médio.

Dessa forma, realizou-se uma parceria com gestores e professores da instituição, com intuito de avaliar e diagnosticar como a cartografia vem sendo utilizada na escola, além de mostrar como a boa utilização dos métodos cartográficos podem se tornar ferramenta metodológica de fundamental importância na construção e consolidação do saber geográfico.

Sendo assim, nota-se a necessidade de se trabalhar conceitos introdutórios da cartografia por meio de atividades didáticas desenvolvidas em sala de aula, usando a linguagem cartográfica como melhor forma de expor os elementos que formam e estruturam o espaço em que o indivíduo está inserido. A partir desse pensamento vemos um desafio a ser superado, pois sabemos que a realidade é outra, em suma a cartografia na escola ainda é pouco explorada, em parte pela falta de estrutura que as escolas oferecem, ou pela falta de conhecimento dos próprios docentes, por uma formação deficitária.

No entanto, esses profissionais podem tentar superar esses obstáculos, com o intuito de desenvolver habilidades em seus alunos, pois a construção de conhecimento faz parte de um processo constante, em que o aluno recebe determinados conhecimentos ao longo dos anos na sua trajetória de vida escolar e os fortalece à medida que aprende a usá-los no seu dia a dia em atividades do cotidiano.

Dessa maneira, nosso objetivo é demonstrar por meio de atividades teórico-práticas a importância da cartografia escolar enquanto alternativa para trabalhar os conteúdos de ensino, mais especificamente da geografia. Dessa maneira, almejou-se tornar o alunado mais autônomo, livre e com um pensamento mais crítico, despertando-o para possíveis leituras do mundo a sua volta, do macro ao micro, compreendendo cada elemento, assim como as interações e relações existentes entre eles.

Segundo Almeida e Passini (1989, p. 15) “preparar o aluno para essa leitura deve passar por preocupações tão sérias quanto a de ensinar a ler e escrever, contar e fazer cálculos matemáticos” e, continuando ainda, dizem que “vai-se à escola para aprender a ler e a contar; e – por que não? -, também aprender a ler mapas”.

Metodologicamente, para a realização do presente trabalho de caráter exploratório e

descritivo, fez-se necessário relacionar as ideias pré-existentes com a realidade apresentada por algumas escolas. Resultado de uma fonte de pesquisa secundária, em um primeiro momento, a partir de leituras e análises de materiais com as temáticas relacionadas a Cartografia Escolar, Linguagem e Alfabetização Cartográfica e, posteriormente, com a coleta e sistematização das fontes primárias a partir das entrevistas e questionários aplicados entre os educandos e educadores da escola na qual o trabalho se deu.

Ademais, ainda nos apropriamos de uma análise de fatores qualitativos em alguns pontos do trabalho, relacionando os dados com o nível de desenvolvimento e aprendizagem por parte dos alunos, ao decorrer da aplicação de todo o projeto. Dessa forma, realizamos inicialmente uma avaliação do contexto escolar, referente ao uso da cartografia, no qual foram aplicadas entrevistas com os docentes e alunos, além de um questionário acerca do assunto, com o intuito de diagnosticar o trabalho cartográfico que, por ventura, vinha sendo desenvolvido ou como este poderia ser melhorado e relacionado aos conteúdos da disciplina de geografia, com a introdução de determinadas metodologias de ensino para os professores.

Posteriormente, traçamos atividades e metas didáticas para criar estímulos nos educandos, a fim de que estes se sentissem atraídos pela cartografia, bem como pela ciência geográfica, proporcionando momentos em sala, ao qual os alunos desenvolvessem seus próprios materiais e construíssem seus próprios mapas, reconhecendo assim a real importância da representação do espaço e dos meios de localização na elaboração do produto final do projeto.

Por fim, tal metodologia nos possibilitou avaliar as aplicações e o desenvolvimento das atividades cartográficas na escola, contextualizando o antes e o depois, assim como as atuais mudanças, ressaltando de forma primordial o quanto a linguagem cartográfica se mostrou auxiliadora e facilitadora no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, foi possível desenvolver atividades que permitissem o entendimento e a representação do espaço. Nesse viés criamos condições para o desenvolvimento de práticas, integrando-as a outras matérias e áreas de conhecimento. Tudo isso atrelado a uma discussão mais palpável e que facilitou o entendimento e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Para tanto, esse artigo está dividido em 3 partes: na primeira parte apresentamos a cartografia escolar e a linguagem cartográfica como gênese metodológica dos conteúdos de geografia; posteriormente mostramos a aplicabilidade dessa temática na Escola Estadual Professor Paulo Freire, no município de Baía Formosa; e por fim trazemos nossas considerações finais acerca das análises.

2 CARTOGRAFIA ESCOLAR E A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA COMO GÊNESE METODOLÓGICA DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA

Embora a cartografia escolar não seja tão antiga como outros estudos geográficos aqui no Brasil, segue se firmando com algumas linhas de pesquisas. Verifica-se que, segundo Uller e Archela (2005), os primeiros estudos tiveram início no final dos anos 1970, com pesquisas da professora Livia de Oliveira, da UNESP de Rio Claro, vindo a se concretizar com a realização dos Colóquios de Cartografia a partir de 1995.

É válido ressaltar que se refletirmos sobre a psicologia na cartografia escolar, podemos nos embasar nas ideias de Piaget (1978), que abordou diferentes estágios do desenvolvimento cognitivo, influenciando no processo de aprendizagem, sendo eles: estágio objetivo-simbólico (2 a 7 anos), estágio operacional-concreto (7 a 12 anos) e o estágio das operações formais (a partir de 12 anos).

Tomando como base o caráter pedagógico da ideia deste autor e fazendo uma associação com a cartografia, nota-se que é a partir do segundo estágio que a criança já consegue ter noções de distância em espaços diferentes, o que pode possibilitar os trabalhos com escala, desenhos e proporções, efetivamente o trabalho com a cartografia. Partindo dessas ideias, nota-se que a criança precisa criar ao decorrer de sua trajetória escolar uma base sólida de conhecimentos simples, para só depois deixá-los mais complexos, é o que Simielli (1993) denomina de “aquisições simples e aquisições complexas”.

Desse modo, acreditamos que as noções de compreensão do espaço devem ser uma atividade diária na vida dos alunos. De acordo com Pavan e Tsukamoto (2007), a cartografia aparece como um dos recursos auxiliares ao entendimento, pois é um instrumento de linguagem que os ajuda a entender seu cotidiano e o mundo no qual está inserido. E para que a cartografia seja realmente aprendida nota-se que, de acordo com Simielli (1999, p. 95):

É preciso começar pela alfabetização cartográfica, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, e logo depois partir para uma análise mais profunda no Ensino Médio, uma vez que nesse nível o aluno possui mais condições de trabalhar com análise, correlação/síntese dos fenômenos apresentados.

Segundo Santos (1991, p. 3), os mapas ganham destaque dentre outros recursos utilizados para o desenvolvimento dos saberes geográficos, pois “correspondem a representações mais seletivas da realidade e podem ser destinados a vários fins, tendo em vista o processo de conhecer e entender a realidade”. Assim, para Simielli (1993, p. 30) o mapa pode ser entendido como “instrumentos comumente usados na escola para orientar, localizar e

informar”.

Dessa forma, podemos perceber o quanto a cartografia escolar pode ser utilizada como instrumento auxiliador no processo de ensino e aprendizagem da Geografia. De acordo com Oliveira (1978, p. 33), “o mapa é definido, em educação, como recurso visual que o professor deve recorrer para ensinar Geografia e que o aluno deve manipular para aprender os fenômenos geográficos”. Mas, podemos dizer ainda que além de recurso visual é também um recurso que pode ser sentido, como os mapas táteis para pessoas com deficiência visual.

Ademais, segundo Pavan e Tsukamoto (2007, p. 135):

Do mesmo modo que os professores usam giz, o quadro negro, o mapa também está intrinsecamente ligado ao ensino de Geografia, ou seja, o ensino pelo mapa e não do mapa. O ensino pelo mapa é a peça chave para levar o educando a gostar das aulas de Geografia. Utilizar o mapa de um lugar que o aluno já conhece e habita é um instrumento que poderá despertar na criança um interesse pelo lugar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998 p. 11) tratam em sua parte dois, eixo quatro, “a cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo, da alfabetização cartográfica à leitura crítica e mapeamento consciente. Os mapas como possibilidade de compreensão e estudos comparativos das diferentes paisagens e lugares”.

Apresentando ainda as fotografias, desenhos, plantas, maquetes, mapas, imagens de satélite, tabelas, entre outras coisas como representantes da linguagem visual que podem ser utilizados na continuidade da alfabetização cartográfica, sempre levando em consideração o interesse da criança e jovem pelas imagens, por algo palpável. Dessa forma, ressaltando a aplicabilidade desse conhecimento.

A linguagem cartográfica apresenta-se como elemento primordial, não somente para que os alunos possam compreender os mapas ou cartas, mas para que os mesmos desenvolvam capacidades cognitivas que os permitam entender e representar seu espaço. Cabe, dessa forma, parte da responsabilidade ao professor em buscar inserir dentro do processo de ensino e aprendizagem a linguagem cartográfica, a princípio por meio da construção das representações espaciais mais simples (croqui, rascunho e desenho), até chegar ao nível mais complexo da cartografia, agregando aos poucos o conhecimento cartográfico na vida de seus alunos, do mais simples ao mais complexo.

Sendo assim, a alfabetização cartográfica pode ser vista e até mesmo entendida como o marco inicial no processo de ensino e aprendizagem espacial. Portanto, cartografia escolar independentemente do tema abordado, tem grande parte interdisciplinar, podendo ser trabalhada no ambiente escolar de forma conjunta com várias disciplinas, e desse modo

envolvendo cada vez mais os alunos e os professores.

Tomando como base um tema de fundamental importância na geografia e que pode ganhar mais vida e praticidade com os métodos cartográficos, temos a Hierarquia Urbana e as redes existentes entre as cidades em todo mundo, mas como é válido que cada atividade proposta e produzida seja sistêmica e difundida a partir do espaço vivido do educando, podemos especificar essa relação de hierarquia e redes no estado do Rio Grande do Norte, abordando os principais pontos de fluxos, as cidades referências em educação, saúde, as que possuem o melhor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, entre outras atribuições.

Dessa forma, o estudo sobre a hierarquia das cidades deriva de questionamentos quanto ao número, tamanhos e distribuição das cidades e sobre a natureza da diferenciação entre elas. As relações que as cidades estabelecem entre si são hierárquicas, com cidades que estão na base da hierarquia e outras que estão no topo. Nessa hierarquia urbana, a posição de uma cidade vai depender do papel que ela desempenha como centro polarizador.

Diante de todo esse conteúdo teórico, é possível fazer uso da cartografia temática no âmbito escolar e assim espacializar e sistematizar esse conteúdo, para que o aluno possa visualizar, entender e associar que tudo isso tem determinada importância e interfere em sua realidade, assim como nas relações sociais que norteiam a sociedade.

Como materialidade de toda essa discussão, obtemos a construção do mapa abaixo (Figuras 1 e 1.1), feito à mão para ser trabalhado como primeiros passos em sala de aula, mostrando as redes de fluxos no Rio Grande do Norte e, conseqüentemente, a hierarquia existente entre as cidades.

Na sala de aula, frequentemente ouve-se, por parte dos alunos, as seguintes indagações: “Para que eu vou fazer isso, professor”? ou “Qual objetivo dessa atividade e de estudar esse assunto”?

Então, frente a esses questionamentos, é necessário que haja a inter-relação de todo e qualquer conhecimento a ser apreendido, com a realidade, ou seja, a ilustração e demonstração de uma realidade mais palpável, possibilitando despertar o interesse de uma turma com diversos alunos em sala de aula.

Portanto, a Cartografia Escolar deve ser pensada como um conjunto de práticas e deve-se fazer presente no dia a dia do professor e de seus alunos, para auxiliar na práxis, essencial no processo de ensino-aprendizagem.

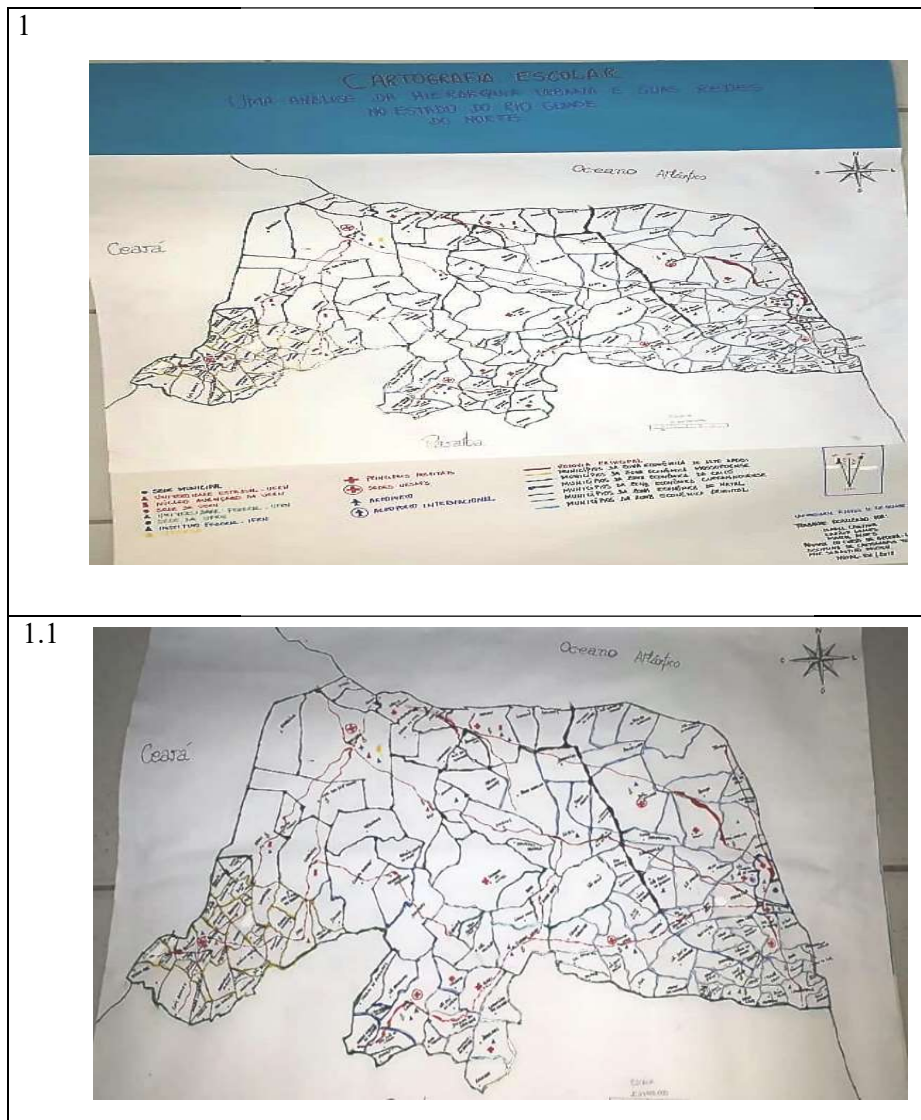


Figura 1: Rio Grande do Norte: espacialização da hierarquia urbana. Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

3 PRATICANDO A CARTOGRAFIA: A ESCOLA PROFESSOR PAULO FREIRE EM CONTEXTO

O primeiro passo para o desenvolvimento das atividades foi a escolha de uma única turma da Escola Professor Paulo Freire para intervenção entre os dias 03/08/2018 e 21/09/2018, totalizando oito encontros (contando com duas aulas em cada um deles) todos na sexta-feira. A turma escolhida foi o 1º ano de ensino médio do turno matutino, composta por 25 alunos.

Tal escolha se deu devido a turma conter alunos que apresentaram maior interesse pelas

atividades, além de ser a turma que a professora responsável da disciplina de geografia estava começando a contextualizar o assunto de Cartografia e a linguagens dos mapas. Ademais, por se tratar de uma escola pequena, com pouco acesso a internet e sem laboratório de informática, nossas ações se restringiram em sua maioria ao âmbito analógico e não digital.

Dessa forma, em um primeiro contato com os discentes, nas primeiras duas aulas, buscamos lançar os seguintes questionamentos: para que serve um mapa? Qual sua importância? E obtivemos respostas como: “serve para ajudar com a localização; para encontrar um determinado lugar”, ou, simplesmente, “não sei”. No segundo encontro, com intuito de diagnosticar e identificar o nível de conhecimento cartográfico que os alunos previamente possuíam, realizamos oficinas abordando os princípios da cartografia e a linguagem dos mapas.

Posteriormente, como atividade extra sala, foi solicitado que os alunos representassem por meio de um desenho (croqui) o caminho que percorrem todos os dias de casa até a escola. Já nos encontros seguintes (terceiro e quarto) pudemos conversar sobre o trabalho de cada aluno, assim como explorar os diferentes olhares em cada representação do espaço, levando-os a perceber que a cada traço dos seus desenhos, encontrava-se um elemento cartográfico – símbolos, linhas ou áreas.

Dessa maneira, dentre os desenhos elaborados, elencamos alguns pontos de apenas quatro deles, almejando uma melhor análise e visualização da representação de cada aluno. Pelo primeiro desenho (1 na Figura 2), denota-se que o aluno possui certa familiaridade com o lugar em que reside, pois sua visão espacial é isométrica, mesmo não tendo convívio direto com meios de mapeamento digital, visto que existe uma direta diferenciação de largura entre a rua que ele mora e a avenida principal mais próxima, no entanto há um desconhecimento dos nomes das ruas, somente algumas que são nomeadas com alguns pontos de referência, muitas vezes referenciadas pelas pessoas próximas, com algum vínculo afetivo do aluno.

Vale salientar que a largura das ruas segue o referenciamento do aluno, seguindo mais uma vez com sua visão afetiva dos lugares, assim como a distorção espacial de sua casa e de alguns pontos de referência inseridos no mapa. Ainda quanto ao seu desenho, objeto de análise, percebe-se que na rua que dá acesso à escola, em seu limiar mais próximo a ela, fica evidenciado uma maior distorção, podendo aferir uma certa ligação entre o sujeito e o espaço próximo à escola.

Já no segundo desenho (1.1 na Figura 2), o aluno representa uma imagem com duas dimensões. Diferentemente da anterior, o discente não possui uma referência geográfica dos logradouros que circunvizinham sua residência; pode-se perceber que há uma anormalidade nos locais de referência localizados na rua que é dita como área da residência do aluno, pois os

pontos ficam destacados no mapa. Já os outros pontos acomodam-se na estrutura cartográfica elaborada pelo aluno, no entanto, não há uma uniformidade espacial entre os quarteirões e as ruas, como representado pela igreja local em um destaque maior na composição cartográfica apresentada, mostrando uma certa afetividade pelo local.

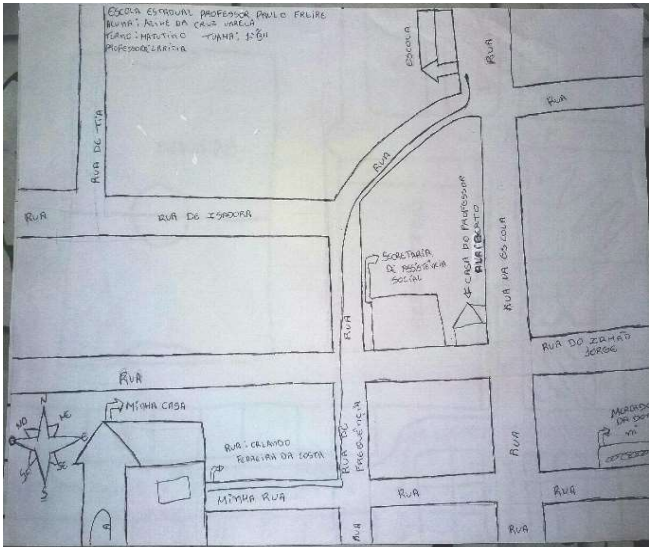
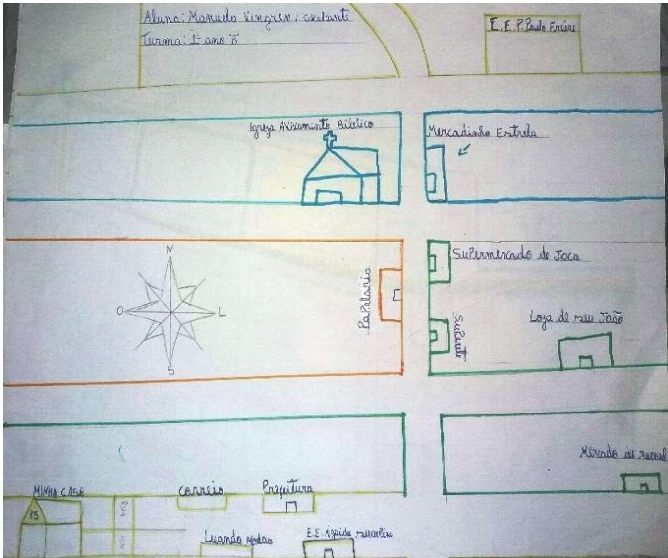
DESCRIÇÃO DOS ALUNOS	CONTRUÇÃO DE DESENHOS
<p>Aluno com 16 anos de idade, já morou em outras cidades antes de residir em Baía Formosa, por exemplo: Canguaretama, Pipa e Sibaúma. Sendo essas localidades em áreas rurais e urbanas. Não possui celular e tem pouco acesso à internet. Gastando em média 05 minutos para chegar até a escola. Segundo seu relato: “a cidade precisa melhorar na estrutura, com um maior investimento no turismo, pois a praia é muito linda”.</p>	<p>1</p> 
<p>Aluno com 15 anos de idade, sempre morou em Baía Formosa e em área urbana, tem acesso à internet e gasta 10 minutos para chegar na escola. “O que mais gosto da cidade é a praia, e a igreja”.</p>	<p>1.1</p> 

Figura 2: Croquis produzidos pelos alunos durante a atividade. Fonte: Acervo da autora, 2018.

O desenho 1.2 (Figura 3), por sua vez, reflete aspectos de um aluno que foca apenas no trajeto de sua casa para a escola. O fato que o torna interessante é a abstrata formulação da

proposição urbana no mapa, com alguns pontos demonstrando uma disposição espacial superior, além da disparidade de largura entre os logradouros.

E por fim, o desenho 1.3 (Figura3), demonstra que a aluna desempenha em seu mapa classificações ligadas à influência dos espaços em sua vivência cotidiana, que seria a escola, o ginásio e o campo de futebol, além da sua residência, no entanto a mesma não ilustra as demais residências.

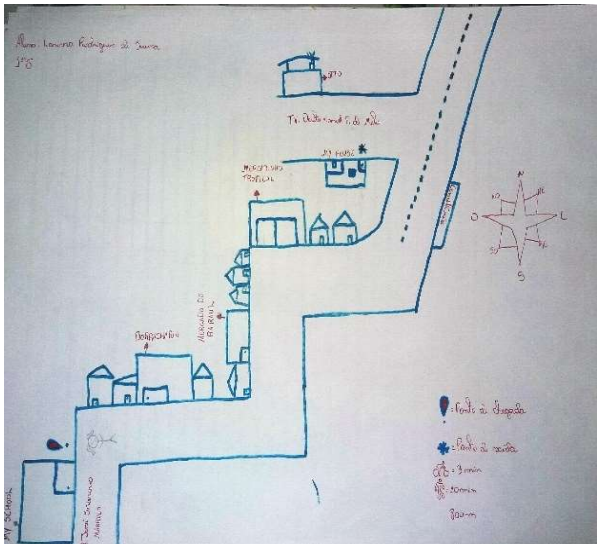

DESCRIÇÃO DOS ALUNOS	CONTRUÇÃO DE DESENHOS
<p>Aluno com 15 anos de idade, já morou em outras cidades antes de residir em Baia Formosa, sempre em área urbana. Tem acesso à internet e gasta em média de 06 a 08 minuto para realizar o trajeto casa - escola.</p> <p>Em seu relato: “Baia Formosa é ótima, tem vários lugares que são muito bons, como a praia que nos possibilita surfar, se divertir. Todos se conhecem por aqui”.</p>	<p>1.2</p> 
<p>Aluna com 16 anos de idade, sempre morou em Baia Formosa e em área urbana. Possui pouco acesso à internet e gasta de 05 a 06 minutos no trajeto casa – escola.</p> <p>Para ela: “Baia Formosa é uma cidade pequena com belas praias, tranquila, mas com alguns locais perigosos, no geral é simples e pequena”.</p>	<p>1.3</p> 

Figura 3: Croquis produzidos pelos alunos durante a atividade. Fonte: Acervo da autora, 2018.

Portanto, ainda no desenho 1.3, existe uma deformidade entre as ordens espaciais, principalmente vistas entre a escola e o ginásio, pois o ginásio tem uma dimensão real em um grau maior do que a escola, todavia no desenho a escola possui proporção maior, isso provavelmente porque a escola está ligada a questões afetivas da aluna, tanto que as localizações dos pontos referenciados ficam no mesmo eixo de sua casa. O que chama atenção é a disparidade do trajeto indicado, pois seguir à direita levaria menos tempo que o trajeto feito pela mesma, todavia essa predileção do trajeto está correlacionada a questões de segurança.

Posteriormente, no quinto momento, tivemos a oportunidade de mais uma vez realizar oficinas, com o acompanhamento da professora responsável, sobre “Temáticas e Símbolos utilizados na Cartografia”, que geraram o interesse dos alunos em produzir seus próprios mapas, com temática diferenciadas, sejam elas: mapas com divisões políticas administrativas, mapas evidenciando níveis de incidência de dengue em diferentes regiões, entre outros.

Dessa forma, os dois encontros seguintes (sexto e sétimo) foram utilizados para a construção dos mapas nos cartazes, aplicando as técnicas apreendidas durante os encontros anteriores. Utilizamos como materiais: cartolinas, tintas, canetas, lápis de cera e de madeira, todos cedidos pela direção da escola.

Cabe ressaltar nesse momento o ganho da perspectiva interdisciplinar da atividade com a ajuda do professor de matemática na construção das escalas dos mapas, níveis de proporção e na conversão de medidas, enriquecendo ainda mais o projeto pela associação desses conhecimentos como ferramenta deveras importante.

Com vistas à finalização, o oitavo e último momento foi a apresentação dos conteúdos trabalhados, dos mapas elaborados e da demonstração das técnicas que foram utilizadas na construção dos mesmos. Partilhando, assim, exemplos e discussões sobre a espacialização de fenômenos por meio de um mapa com as demais turmas da escola desse mesmo turno, a fim de compartilharmos os conhecimentos produzidos, tornando o aluno um agente ativo no processo de replicação e consolidação da aprendizagem.

Podemos assim afirmar que, efetivamente, iniciamos o desenvolvimento e a confecção de mapas, gerando produtos finais de feitos sólidos e de qualidade pelos alunos da instituição, além de obtermos um maior refinamento na leitura e interpretação de diversos mapas por parte dos mesmos, podendo compreender assim o espaço e as relações existentes nele a partir de diversas temáticas. Tal importância e dimensão as ações obtiveram no aprendizado dos alunos, que professoras e gestoras da escola já idealizam a replicação e utilização do trabalho na feira de ciências da escola.

Assim, frente às ações metodológicas realizadas, foi possível envolver todos os alunos,

juntamente com os professores, mostrando que os conteúdos da cartografia podem ser explorados de diferentes formas, buscando agregar maior praticidade e possibilitando o uso da práxis, tão necessária no processo de construção de conhecimento.

Ainda no decorrer das atividades, percebemos que, posteriormente, os alunos buscaram se aprofundar nos conteúdos, buscando cada vez mais fazer uso de métodos cartográficos para aplicar em diferentes temáticas da ciência geográfica, aprendendo ainda a utilizar aplicativos como Google Maps – para localização, visualização de trajetos de casa para escola, além de percursos de Baía Formosa para outras cidades, assim como a utilização do Windy – para previsão do tempo, temperatura, velocidade do vento e análise de ondas, tendo em vista que muitos dos alunos praticam esportes como o surf, já que a cidade é litorânea e possui belas praias.

Com isso, obtivemos um produto final material e imaterial de grande importância e relevância, tanto para nossas análises, enquanto estudante e futura docente, quanto para professores e alunos da escola em questão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia escolar apresenta-se neste trabalho como metodologia e gênese de grande potencial para o processo de alfabetização cartográfica, bem como dando praticidade e auxiliando a associação dos diversos conteúdos estudados em sala de aula. Como tal, convém ser compartilhada e amplamente utilizada, tratando diversas temáticas, fazendo uso de sua interdisciplinaridade, principalmente no sentido de enriquecer e fortalecer as bases do ensino de geografia.

Seus princípios básicos são responsáveis pela alfabetização do indivíduo, que contribuem no entendimento da realidade, na leitura de mundo, por meio de croquis, cartas, mapas ou representações simples, além do fornecimento de diferentes alternativas para professores trabalharem os conteúdos, usando modelos diferenciados de atividades, agregando metodologias didáticas e lúdicas, enriquecendo o processo educativo.

Em suma, acredita-se que ao se trabalhar com novos métodos o aluno passa a ver o ensino não apenas como simples memorização de conteúdo, mas sim, como um processo de sistematização dos mesmos, que precisam ser compreendidos. Dessa forma, o professor se torna o grande responsável por esse processo de formação do aluno, sendo mediador nessa relação, buscando diferentes oportunidades de aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem.

Em nossa experiência em sala de aula foi possível perceber que o mapa pode incitar os alunos a compreenderem a Geografia, a entender a realidade, a se orientar, se localizar, além de representar o seu lugar vivido.

Nesse sentido, tanto alunos quanto professores poderão perceber o quão importante é a linguagem cartográfica, não apenas como conteúdo escolar, mas também como uma ferramenta metodológica de fundamental importância na construção e consolidação de conhecimento.

Dessa forma, na Escola Estadual Professor Paulo Freire, conseguimos obter um maior rendimento por parte dos alunos, com uma notória praticidade dos conteúdos que foram repassados e ensinados, atrelados à realidade e ao espaço vivido dos educandos, gerando assim uma maior busca pelo saber geográfico e seu universo de conhecimentos.

SCHOOL CARTOGRAPHY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS AT STATE SCHOOL PAULO FREIRE IN BAIA FORMOSA-RN

ABSTRACT

The use of cartography in the school context, can be seen as an auxiliary tool in the teaching and learning process, which has become increasingly necessary, initially due to cartographic literacy. Thus, there is a need to work on introductory concepts through didactic and playful activities developed in the classroom. However, we know that the reality is different, in short, cartography at school is still little explored. Thus, we aim to demonstrate, through practical activities, the importance of school cartography as an alternative to work with teaching content, more specifically geography, analyzing and diagnosing how much this assistive tool in the teaching and learning process could be used to improve and refine the geographic knowledge acquired by students in the first year of high school of the state school Professor Paulo Freire, located in the municipality of Baía Formosa-RN. The project took place in eight theoretical-practical moments, which resulted in highly relevant material and immaterial products. Thus, this article is divided into 3 parts: in the first part we present school cartography and cartographic language as a methodological genesis of geography contents, later we show the applicability of this theme in the state school Professor Paulo Freire in the municipality of Baia Formosa, and for end we bring our final considerations about the analyzes.

Keywords: Cartographic Literacy. Didactic Actions. Applicability.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço Geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. São Paulo: USP, 1978.

PAVAN, Deizi Morgana; TSUKAMOTO, Ruth Youko. O encantamento do mapa face ao ensino da geografia. *In*: CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas; ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lúcia Helena B. **Múltiplas Geografias: ensino-pesquisa-reflexão**. Londrina: Edições Humanidades, 2007, p. 129-155.

SANTOS, Márcia M. D. dos. **O mapa e o ensino-aprendizagem da geografia**. Belo Horizonte: IGH/UFGM, 1991. Publ. Esp. N.º 7.

SIMIELLI, M. E. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. *In*: CARLOS, A. F. A. (Org.a). **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 92-108.

_____. **Primeiros Mapas**. São Paulo: Ática, 1993. 4 v.

ULLER, Adriana Salviato; ARCHELA, Rosely Sampaio. A educação cartográfica na geografia do ensino fundamental. *In*: ANTONELLO, Ideni Terezinha; MOURA, Jeani Delgado Paschoal; TSUKAMOTO, Ruth Youko (Org.a). **Múltiplas Geografias: ensino-pesquisa-reflexão**. Londrina: Edições Humanidades, 2005, p. 67-76.

Recebido em 29/10/2020.

Aceito em 21/12/2020.